MONÇÕES
Revista de Relações Internacionais da UFGD
UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados
FADIR – Faculdade de Direito de Relações Internacionais
Dourados – MS
http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/moncoes

# NA VÉSPERA DO TEMPO: REPENSANDO AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

TCHELLA FERNANDES MASO[1]
LARA MARTIM RODRIGUES SÉLIS[2]

**RESUMO:** Com base na perspectiva pós-colonial, que visa responder aos silêncios da modernidade, o artigo situa as Relações Internacionais enquanto ciência, sua proximidade aos interesses anglo-saxões e a consequente construção de objetos de estudo centrados nos temas de guerra e paz. A partir de tal panorama, defende a América Latina como um espaço privilegiado de enunciação, de construção de novas problemáticas e respostas capazes de desenvolver um saber agregador. A voz do subalterno e a importância de trazê-lo para o campo de estudos do internacional é o fio condutor do artigo, demarcando a importância de repensar as Relações Internacionais e seu processo de construção do conhecimento.
**Palavras-chave:** Teoria das Relações Internacionais; América Latina; pós-colonialismo; modernidade.

**ABSTRACT:** This article is guided by the post-colonial perspective, from which pretend to situate the discipline of International Relations as a science that absorbed the interests of Anglo-Saxon culture and, in consequence, built its study objects on themes of war and peace; although this process have silenced other realities. From that intellectual consciousness, the present work defends the Latin America as a privileged space of enunciation and construction of new problems and answers, responsible by the development of a more dialogical knowledge. The voice of the subaltern and the importance of bringing it to the field of international studies is the guide horizon of this article, which point out the importance of rethinking International Relations and its process of knowledge construction.
**Keywords:** Theory of International Relations, Latin America; post-colonialism; modernity

[1] Graduada em Relações Internacionais pela UNESP-Franca. Mestre em Relações Internacionais pela UnB. Professora do curso de Relações Internacionais e Integração da Universidade Federal da Integração Latino-Americana/UNILA.
[2] Graduada em Relações Internacionais pela UNESP-Franca. Mestre em Relações Internacionais pela UnB. Professora do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia.

## INTRODUÇÃO

*Encheram a terra de fronteiras, carregaram*
*o céu de bandeiras. Mas só há duas nações*
*- a dos vivos e a dos mortos.*[3]

As Relações Internacionais (RI) como campo de estudos descende da matriz epistemológica empiricista e racionalista, a qual gerou consequências para o recorte de temas e agendas pertinentes a tal área (SMITH 1996). Tal decorrência evidencia-se na atribuição do Estado como ator central e monolítico no plano internacional, tendo como preocupação central a segurança e o poder. Associada a essa realidade encontra-se a divisão maniqueísta das teorias que polarizam-se entre a inevitabilidade da natureza humana má e a tendência da mesma ser boa. Panorama esse que reforça-se no modo como a política externa de países, como os Estados Unidos, aborda a questão do terrorismo, sob o *slogan* da "luta contra o mal" [4].

No entanto, o desenho esboçado acima das RI perde suas tonalidades se cotejado ao espaço da vida no qual estamos inseridos. Em particular, os acontecimentos político-econômicos do último ano (2011) parecem ter desestabilizado imagens cristalizadas do tabuleiro geopolítico. Os países do Norte, representados pelos Estados Unidos e grande parte da Europa, sofrem com a crise financeira e dão respostas pouco liberais na tentativa de evitar a recessão (ZIZEK 2011). Em contrapartida, os Estados emergentes dão sinais de que o eurocentrismo está abalado e procuram alternativas, como a integração regional e a formação de blocos com interesses específicos (Fórum Índia-Brasil e África do Sul, IBAS; o agrupamento Brasil- Rússia- Índia – China, BRICS, a Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos, CELAC; entre outros).

Muitas narrativas são construídas para captar as mudanças sofridas no sistema internacional. Autores consagrados reescrevem acerca do declínio do império americano,

[3] Juca Sabão, *Cf:* COUTO (2003).

[4] Para mais detalhes sobre essa discussão ver: SELIS, Lara; GALLO, Rafael; MASO, Tchella. set.-out. 2011. Terrorismo como Agenda das Relações Internacionais: Novos Debates, Velhas Problemáticas. Meridiano 47, vol. 12, n. 127, p. 50-57.

outros sobre a ascensão da China ou ainda reforçam a égide dos emergentes, como Brasil, Índia e África do Sul. No geral, estas análises, apesar de suas particularidades, sinalizam a mutação de uma realidade e suas bases estruturantes, confirmando que vivemos em "tempos interessantes" [5].

Para as RI, é mister compreender esse momento imbricado de novas e velhas estruturas, na tentativa de repensar o campo de estudos e assentá-lo no horizonte comum das ciências sociais e seu engajamento prático-político. É certo que não sabemos bem por onde caminhar, mas é imperativo debruçar-se sobre o abismo do novo, na busca por retraçar conexões entre dicotomias esfaceladas, que construíram-se sob a égide moderna (Bem/Mal; Internacional/Nacional; Global/Local; e etc).

É com tal anseio, que as próximas páginas empreendem uma análise das RI enquanto ciência, seus objetos de estudos e não estudo, com o intuito de despertar a necessidade de uma virada ontológica da área, para que esta aproxime-se do espaço da vida e das necessidades humanas – no nosso caso a América Latina. Isso porque, apesar da prevalência do discurso realista, os estudos acerca do internacional são demasiado idealistas, no sentido de figurarem no campo das ideias, ou da virtualidade, com pouco diálogo com a realidade e com as penúrias das coletividades. Tal onirismo é ainda mais intenso, quando observamos as academias situadas na porção sul do globo, o Brasil é um grande exemplo, assim como a Argentina[6], aonde as teorias vindas de centros de estudos europeus e norte-americanos são reproduzidas. No campo das RI, a quantidade de pesquisas vinculadas à guerra e à segurança superam estudos sobre a fome ou a educação, mesmo que os índices do IBGE[7] demonstrem que estes últimos são a grande mazela de países com intensa taxa de desigualdade como o Brasil.

[5] "Em nossa história, 'tempos interessantes' são de fato os períodos de agitação, guerra e luta pelo poder, em que milhões de espectadores inocentes sofrem as consequências". (ZIZEK 2011:p. 7).

[6] Como exemplo, podemos citar a definição de Realismo periférico de Carlos Escude (1992), em sua tentativa de compreender a política externa argentina a partir da releitura dos conceitos da vertente realista das Relações Internacionais.

[7] O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, reconhecido em suas análises estatísticas acerca da realidade brasileira, apresentou em 2010 que metade da população brasileira possui uma renda diária de R$ 12,50 (BAVA 2011:p.3).

Alguns podem dizer que preocupar-se com questões internas dos Estados nacionais não pode ser objeto das RI, uma vez que outras ciências, como a Geografia e/ou as Ciências Políticas e Sociais, são as responsáveis por estas agendas. Retomando o argumento de Boaventura de Souza Santos e Maria Paula Meneses, "A entrada no século XXI, porém, exige uma etnografia mais complexa, que torne visíveis alternativas epistêmicas emergentes" (2008:6). Para tal, é fundamental superar as barreiras disciplinares impostas pela epistemologia moderna, que divide saberes, monopoliza verdades universais e impõem barreiras para a associação daqueles com a realidade social (MENESES, 2008). Logo, faz-se importante compreender as RI como um espaço de interlocução entre distintas ciências, que tenha em sua localização a força motriz para alavancar o conhecimento.

Tentamos, portanto, no artigo que segue, responder à problemática pós-colonial – defendida por Santos e Meneses – de revisar a epistemologia/ontologia do campo das RI hegemonicamente definida pelos centros de poder anglo-saxões e localizá-la nas necessidades da América Latina. Para tal defendemos o olhar do outro, do subalterno em sentido ampliado: a mulher, o pobre, o camponês, o oprimido, o trabalhador, o movimento social, o sindicato, e muitos outros que revelam-se na constituição mútua entre Norte e Sul Global (Meneses 2008) ou entre vivos e mortos – como menciona Juca Sabão na obra de Mia Couto, parafraseada no início da sessão.

**Subalternos: o vazio sombrio da modernidade**

*É sempre bom lembrar*
*Que um copo vazio*
*Está cheio de ar.*
*[...]*
*É sempre bom lembrar,*
*Guardar de cor que o ar vazio*
*De um rosto sombrio está cheio de dor.*
*[...]*
*Que a dor ocupa metade da verdade,*
*A verdadeira natureza interior.*
*[...]*

*Uma metade cheia, uma metade vazia.*
*Uma metade tristeza, uma metade alegria.*[8]

Nas últimas décadas, os estudos orientados às Relações Internacionais têm incorporado reflexões de caráter sociológico, e, com isso, buscam integrar ao campo análises que investiguem o papel dos contextos históricos e sociais na produção do conhecimento. Sob esse raciocínio, destacou Guzzini: "theory is not only the result of knowledge, whereby empirical findings are generalized; theory is also the very condition of knowledge" (1998, prefácio). Com essa proposição, o autor revela a importante conexão entre a ciência e seu contexto social fundante, cujo esclarecimento impulsiona o rompimento com os relativos abstratos e universalizados.

Presume-se, assim, que as concepções teóricas tradicionais das RI resultam de escolhas metodológicas e recortes ontológicos influenciadas pelo local de fala de seus autores. Isso é, dissolve-se a percepção universal da ciência, para em seu lugar erigir uma concepção pública da mesma. Sob essa perspectiva, a teoria política perde seu caráter puramente intelectual e dissociado das contingências da vida social, e passa a compor uma rede de significados compartilhados e interconectados com as estruturas de poder econômico, político e cultural da sociedade vigente.

Com isso, declara-se que, para além das motivações cognitivas, existem razões sociais e contextuais para que estudemos o que estudamos e da forma que estudamos. Entende-se, ademais, que tal consciência é especialmente importante às mentes e histórias que não compõem o contexto social e cultural onde o pensamento predominante é criado. Afinal, dessa exclusão adviriam outros silenciamentos, explícitos ou não.

Como declarou a antropóloga Maria Paula Meneses: "uma das batalhas políticas mais importantes do século XXI é travada, sem dúvida, em torno do conhecimento" (MENESES 2008:7), por isso a relevância de refletirmos sobre a "possibilidade de diálogos entre várias realidades históricas, entre experiências presentes e as suas memórias, as quais apontam continuidades e descontinuidades de poder" (MENESES, 2008:7).

[8] *Cf.* BUARQUE, Chico [Compositor]. 1994. Copo Vazio. Intérprete: BUARQUE, Chico. In: _____. Sinal Fechado. São Paulo: Polygram. 1 CD. Faixa 02 (2 min. 45 s).

Desse modo, o presente tópico assume a relevância das investigações do ramo da Sociologia do Conhecimento[9], crendo que, por meio delas, podemos aprofundar e enriquecer nossa compreensão acerca campo de estudo das RI e situar a importância de pensá-lo a partir – e sobre – da América Latina. Nesse sentido, buscamos o rompimento com os postulados naturalizados, crendo ser este um caminho mister para o esclarecimento das alternativas epistêmicas silenciadas na construção da disciplina. Em outras palavras, esse tópico dedicará suas páginas à reflexão sobre os fundamentos sociológicos da disciplina de RI e, sobretudo, sobre como esses agiram na delimitação de seu objeto de estudo – ou ainda, sobre a delimitação do que não se estuda.

A busca por tais respostas, seguindo a orientação metódica da sociologia do conhecimento, deve percorrer a trilha histórica da disciplina de RI desde sua criação. Nesse sentido, retrocedemos brevemente ao início do século XX, no ano de 1919, quando é inaugurada a primeira cátedra de estudos da área (Cátedra W. Wilson) no país de Gales.

Em termos normativos, tal localização histórica e social ofereceu à disciplina vínculos importantes com as preocupações de um mundo recém-egresso da Primeira Guerra Mundial. Decorre-se, então, que esses estudos – posteriormente conjugados sob o signo teórico do "liberalismo ou idealismo" –, particularizavam-se pelo forte apelo ideacional preocupado em promover soluções que findassem as contendas bélicas. Para tanto, tal vertente buscou amparo intelectual nas heranças dos pensadores iluministas, como Immanuel Kant (1724-1804) e Hugo Grotius (1583-1654).

Todavia, as práticas bélicas subsequentes, endereçadas às movimentações da Segunda Guerra Mundial, colocaram em cheque aqueles postulados de orientação pacifista, invertendo, pois, o eixo hegemônico da ortodoxia teórica das RI, que se redireciona para as produções norte-americanas. Nesse período ganha destaque a escola clássica realista ancorada na linguagem do poder e do interesse, ao invés das ideias e das normas:

[9] De acordo com Goldman, "sociology of knowledge is the analysis of the sources and meanings of forms of knowledge in relation to the experience, institutions, traditions, practices, and positions of social groups and the individuals within those groups" (1994:p. 266).

> traditionally, realists have valued prudence, respected the sovereignty of great powers and been concerned with maintaining world order for one or several of them, while their 'communitarian' opponents (to suggest a less pejorative label) have sought legal, religious, societal, historical or other communitarian bases for international government of some kind. (ALKER; BIERSTEKER, 1984: 124)

Embora com orientações teóricas distintas, cabe ressaltar a convergência entre as correntes liberais e realistas quanto às suas delimitações ontológicas, ambas relacionadas ao fenômeno da guerra, e, por conseguinte, às dinâmicas do sistema de Estados-Nação. Tal recorte estatal é legado às produções teóricas posteriores, como demonstram as vertentes neorrealista e neoliberal, consideradas as escolas-base do campo das RI a partir da segunda metade do século XX.

Com a ascensão dessas últimas correntes entre as décadas de 1970 e 1980, o campo das RI incorpora uma certa uniformidade e clareza epistemológicas impulsionadas pela fluidez assumida pelas tendências teóricas racionalistas. Fruto dos processos intelectuais de países anglo-saxões – herdeiros da filosofia oitocentista – o campo de estudo das RI revela-se, desde o início, amparado nos fundamentos científicos modernos. A tese da modernidade como eixo epistêmico da disciplina das RI reforça-se quando identificamos, na Europa e nos EUA, os dois centros hegemônicos respectivos deste conhecimento. Desse modo, até os anos finais do século XX, os debates intelectuais dessa disciplina experimentaram uma espécie de monismo teórico, reverenciado pela prevalência do racionalismo epistemológico e da metodologia positivista.

Como abordávamos, a construção desses conceitos-chave resultam de um processo longo de consolidação da cultura epistêmica moderna no campo das RI, em que os sujeitos foram "grupos de pessoas, longas linhagens de gerações de homens" (ELIAS, 2008:546) gradativamente constrangidos pelas instituições políticas, pelos elementos culturais e ideológicos de sua sociedade. Um processo, cujo cume foi denominado por Wagner et. al (1991) como *the epistemic drift*: um período delimitado entre o final dos anos 1950 e início da década de 1970 em que as ciências sociais de forma geral experimentaram um movimento de uniformização dos debates epistemológicos, profundamente influenciados pelos modelos teóricos até então habituais aos estudos da natureza.

Ademais, enquanto descendentes dessa cultura iluminista, as teorias do *mainstream* das RI projetam a valorização da razão como provedora do progresso. Progresso este que surge na era moderna como secularização de uma mentalidade messiânica e vem suprir a insegurança causada por um mundo cuja objetividade já não mais projeta um devir histórico imanente ou transcendental. Como nos explica o professor Franklin Leopoldo e Silva (informação oral), a mediação divina da Era medieval foi substituída pela razão na sociedade moderna, que passa a ser a nova motriz da ordem objetiva. Cria-se que por meio do uso disciplinado da razão, o sujeito histórico seria capaz de regular e controlar subjetivamente as mudanças e o ritmo das transformações do mundo. Em outras palavras, a noção de subjetividade moderna é sustentada pela sua capacidade em "constituir a objetividade e, nesse sentido, recortar a realidade em objeto"[10].

Esse poder constitutivo do sujeito foi então transferido para a esfera do conhecimento e expresso na ânsia pelo controle. A valorização da homogeneidade, da previsibilidade e da universalidade nos modelos científicos prevalentes refletiram, portanto, essa forma particular de metafísica, a qual prevê relações de causalidade, de temporalidade e espacialidade estáveis, ou ao menos manipuláveis racionalmente.

Todavia, para o filósofo Leopoldo e Silva[11], do ponto de vista gnosiológico, esse mundo da contingência que presumidamente faria nos crer em uma condição de maior liberdade dos indivíduos, visto que destituídos do ambiente organizado pelo eterno, acaba apresentando condição inversa. A tentativa de substituir a desorganização vinda com a perda das fronteiras do mundo sacralizado por uma certeza epistemológica estimulou a mitologização da ciência e a reificação de seus objetos. Assim, dentro da esfera do saber, a razão subverte-se a si própria, como há tempos vaticinou Weber (1987).

[10] Informação verbal proferida pelo professor Dr. Franklin Leopoldo e Silva na ocasião de conferência pública "Descontrole do tempo histórico e banalização da experiência" realizado em 28 de agosto de 2007 no Teatro Maison de France, Rio de Janeiro. Essa conferência pode ser encontrada em versão audiovisual nos acervos digitais do Programa "Cultura e pensamento" disponíveis no sítio: http://blogs.cultura.gov.br/culturaepensamento/

[11] Idem nota 9.

Em discurso semelhante, o filósofo contemporâneo Zizek[12] denuncia a atualidade deste aprisionamento nas fronteiras do "mundo possível" elaborado pela ciência moderna. Como relata Zizek, "nós nos 'sentimos livres' porque somos desprovidos da linguagem para articular nossa falta de liberdade", isso significa que "todos os principais termos que usamos para designar o conflito atual – guerra ao terror, democracia e liberdade, direitos humanos etc. etc. – são termos falsos que mistificam nossa percepção da situação em vez de permitir que pensemos nela"[13].

Nesse sentido, Zizek identifica no campo das Relações Internacionais aquelas fronteiras explanadas por Leopoldo e Silva, as quais estariam igualmente vinculadas à valorização do poder constitutivo do sujeito, cuja expressão normativa na área seria o "individualismo" delimitado como *ethos* da sociedade internacional. Do ponto de vista ontológico, a herança moderna trouxe para as RI teorias orientadas para a construção de um imaginário restrito aos quadros nacionais modernos, projetados na prescrição política de agentes orientados pelo individualismo, pela valorização do privado, ou, em suma, pela racionalidade cognitivo-instrumental. E assim, associado ao sistema de Estados modernos revela-se a universalização de seus relativos sociais: como liberdade, democracia, soberania, capitalismo, dentro outros.

Em outras palavras, o cenário de expansão dos modelos teóricos modernos, experimentou um movimento correlato no âmbito dos modelos políticos ocidentais. Como afirma o historiador Koselleck (1992), o período da Guerra Fria representou uma fase em que a consciência filosófica moderna pretendeu englobar toda humanidade. Um movimento que, ao fim, demonstrou-se paradoxal, uma vez que a absorção do Outro, implicada na pretensão de uniformidade, constitui a própria negação da política.

Essa alegação de Koselleck nos reporta ao que alguns estudiosos chamam de 'subalternidade': um conceito referente ao conjunto de sujeitos, ou de Histórias silenciadas ou absorvidas no processo de expansão da narrativa moderna. Na tese defendida por

[12] Discurso proferido pelo filósofo Slavoj Zizek aos manifestantes do movimento "Occupy Wall Street" em Nova York. Tradução realizada por Rogério Bettoni, publicada em 11 de outubro de 2011 no Blog da Boitempo. Disponível em http://boitempoeditorial.wordpress.com/.
[13] Idem nota 11.

Mignolo (2005) tal recorte é denominado de "colonialidade"[14] e concebido como face oposta, porém inseparável da modernidade. Nesse sentido, a colonialidade comporia o lado obscuro da modernidade, ou ainda, o indicativo das ausências produzidas durante a construção dessa última;

> In this view, History is a privilege of European modernity and in order to have History you have to let yourself be colonized, which means allowing yourself, willingly or not, to be subsumed by a perspective of history, life, knowledge, economy, subjectivity, family, religion, etc. that is modeled on the history of modern Europe, and that has now been adopted, with little difference, as the official model of the US. Perspectives from coloniality, however, emerge out of the conditions of the "colonial wound," the feeling of inferiority imposed on human beings who do no fit the predetermined model in Euro-American narratives. (MIGNOLO, 2005: prefácio XII)

Nessa perspectiva, todo aquele que não se enquadra no arquétipo da cultura anglo-americano constituiria a acepção geral de 'subalternos', condição assim denominada, dado o processo de inferiorização dirigido a seus membros em comparação aos atores centrais. Na visão do antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro[15], essa tendência ao ocultamento do "Outro" perpassa toda a cosmologia da civilização moderna. Segundo o autor, com a perda do polo divino – na passagem para a Era moderna – a civilização ocidental passa a sofrer da sensação do "membro fantasma"; com isso, a natureza, cuja integridade e sentido concentravam-se em um grande Outro (o divino), vê-se desprovida de um significador, ou mantenedor de nossa própria percepção de existência exterior. Segundo aquele intelectual, o resultado de tal ausência revelaria-se no costume em

[14] "Coloniality, as a term, is much less frequently heard than "modernity" and many people tend to confuse it with "colonialism." The two words are related, of course. While "colonialism" refers to specific historical periods and places of imperial domination (e.g., Spanish, Dutch, British, the US since the beginning of the twentieth century), "coloniality" refers to the logical structure of colonial domination underlying the Spanish, Dutch, British, and US control of the Atlantic economy and politics, and from there the control and management of almost the entire planet. In each of the particular imperial periods of colonialism – whether led by Spain (mainly in the sixteenth and seventeenth centuries) or by England (from the nineteenth century to World War II) or by the US (from the early twentieth century until now) – the same logic was maintained; only power changed hands". (MIGNOLO 2005:p.7)

[15] Informações verbais obtidas por meio de uma Conferência proferida pelo Prof. Eduardo Viveiros de Castro em 18 de maio de 2005, no Auditório da Reitoria da UFMG, e disponível em versão audiovisual no link: http://video.google.com/videoplay?docid=6685081146678637519

compreendermos o Outro como algo a ser assimilado freneticamente, ou mesmo exterminado. Ou seja, nossa sociedade perde o valor da diferença.

Reportada aos estudos epistemológicos, essa passagem de Viveiro de Castro nos aponta para a tendência das disciplinas vigentes em praticarem uma espécie de "epistemocídio" dos sujeitos "observados"; ou melhor, daqueles que compõem a alteridade da cultura anglo-americana, essa sim portadora da função de 'observadora'. Dessa forma, o negro, o amarelo, a mulher, o pobre, o latino-americano, o africano, o indiano, o muçulmano, etc., foram historicamente assimilados, ou silenciados (duas formas de um mesmo processo de exterminação) pela narrativa dos atores "vencedores" no processo de colonização (MIGNOLO, 2005).

A partir dessas reflexões podemos compreender os fatores sociológicos responsáveis pela dificuldade de inserção acadêmica encontrada pelos estudos feministas ou pelas teorias e agendas originadas na periferia (América, Ásia, África). Dificuldade esta majorada no campo das RI devido à forte hegemonia teórica exercida pelos EUA, conforme aponta a pesquisa realizada por Alker e Biersteker (1984).

Nessa pesquisa, os autores concluem que a literatura utilizada pelas principais universidades de RI nos EUA reflete um percentual de 70% de textos vinculados ao método behaviorista/científico, dos quais 72% delimitam-se ontologicamente como teorias neorrealistas. Em estudo mais recente, Biersteker (2009) confirma tal prevalência, em que os principais programas de RI das universidades norte-americanas demonstram predileção pela orientação teórica racionalista e pelo método positivista, e por recortes ontológicos identificados com o neorrealismo e neoliberalimso.

Biersteker (2009) sugere, assim, certo provincianismo por parte da produção teórica das RI norte-americanas, a qual é exportada para as demais academias do globo sob o bastião da universalidade científica. Desse modo, "the issues that motivate our research, the concepts we employ, the global scope of the problems we address, and even the terminology we use (...) mirror many of the concerns of U.S policy-makers and the problems they confront on a global scale" (BIERSTEKER, 2009: 321).

Essa capacidade de amplo alcance das vertentes teóricas norte-americanas é fortalecida e gerenciada pela função de destaque apreciada pelos jornais e revistas acadêmicos daquele país. Tal preponderância deve ser mencionada como provedora de uma espécie de filtro ideológico dos textos publicados. Segundo a análise realizada por Wæver (1998), os meios de divulgação científica do campo das RI nos EUA privilegiam os discursos orientados pela linha metódica da "escolha racional", ao passo que os textos inclinados ao construtivismo, marxismo ou pós-modernismo ocupam percentagens ínfimas nesses veículos.

As investigações relacionadas à sociologia do conhecimento concluem, por fim, que a prevalência dessas linhas teóricas em escala global representa a expansão das perspectivas políticas tipicamente estadunidenses para os demais países; "Waltz's realism is liberal realism and very much an Americanized form of theory" (WÆVER, 1998: 722). Em termos ideológicos, tais elementos espelham a predominância das heranças que marcam o *mainstream* das RI, quais sejam: o pensamento liberal, os valores da economia de mercado, e a filosofia iluminista. Deste conjunto axiológico, derivam certas questões, as quais abstraem as demandas políticas e acadêmicas das demais comunidades:

> Thus gender inequalities are either domestic politics or private or both, and questions of migration, the environment, human rights and cultural clashes either are seen as falling outside the core of the discipline or are features to be studied according to the canon of the social science enterprise, which thereby reconstitutes them as atomistic and external. Similarly, the massive economic inequalities in the world are seen as having to do with the discipline of economics, or as falling into the field of domestic politics or development. (SMITH, 2002, p. 82)

Tal problemática da marginalização resultante do processo de centralização de narrativas no campo específico das RI evidencia-se de forma intensa na virada do século. Isso porque, o processo acelerado de transformações por que passam as sociedades contemporâneas aprofunda as deficiências dos discursos tradicionais em interpretarem uma

ordem cada vez mais interdependente, multicultural e contingente. Ou seja, presenciamos um cenário que reclama a proteção da diversidade e da adaptabilidade do conhecimento, rompendo com as amarras da estabilidade e da uniformidade das ciências modernas. Afinal, como vimos, a realização desses últimos valores implicam no congelamento de ideias incapazes de satisfazer as demandas continuadamente criadas pelos diversos contextos – centralizando "verdades", em detrimentos de outras.

Parafraseando o comentário de Viveiro de Castro[16], as disciplinas estão se transformando "não só por que o logos não é mais o que foi, mas porque o anthropos não será mais o que é". Estaríamos vivendo um movimento revigorante das sociedades – entenda-se, do seu modo de ser, de sua ontologia – ao passo que seu par teórico parece estático. Argumentamos que esse descompasso entre transformações sociais e as formas de pensar tradicionais, incapazes de ler as primeiras, forçará uma transformação das disciplinas que deverão se abrir para novos onthos e, portanto, para novas formas de pensar.

Propõe-se, em síntese, uma expansão da virada ontológica, que já se anteciparia no campo da filosofia. Tal fenômeno expressa a necessidade de um projeto de reontologização do que havia sido reduzido ao epistêmico e ao categorial. Ou seja, uma substituição do princípio solipsista do "penso, logo existo", por uma noção do "existe, logo pensa", que instaura a implicação entre os lados da díade pensamento-alteridade. Nesse horizonte, ascenderiam vias intelectuais de reconhecimento do "outro" enquanto sujeito, revertendo o processo objetificantes que caracterizariam a colonialidade definida por Mignolo.

Mirando os estudos do fenômeno internacional podemos identificar horizonte semelhante nas renovações societais advindas das conquistas tecnológicas, dos desastres ecológicos, e das demandas sociais que parecem compor um cenário relevante de transformações dos referenciais de subjetivação. Nesse cenário, a disciplina sente os efeitos deletérios de décadas de silêncio.

[16] Informações verbais obtidas por meio de uma Conferência proferida pelo Prof. Eduardo Viveiros de Castro em 18 de maio de 2005, no Auditório da Reitoria da UFMG, e disponível em versão audiovisual no link: http://video.google.com/videoplay?docid=6685081146678637519

## A América Latina como nosso local de enunciação

Dentre os desafios de repensar as Relações Internacionais como campo de estudos, está a necessidade de estudar o continente do qual fazemos parte. A América Latina, nomeada ainda no século XIX em meio ao berço intelectual francês de Napoleão III (BRUI 2000), surge do horizonte colonial da modernidade (MIGNOLO, 2005). A construção do Outro nas colônias ibéricas dá sequência à lógica binária e hierárquica de repressão das diferenças, na qual o EU/colonizador dá sentido ao Outro/colonizado. Nas palavras de Todorov, "Colombo descobriu a América, mas não os americanos" (1993: 47).

Tal processo de construção de identidades, que não tem como princípio a dialogicidade, traz consequências práticas e cognitivas que persistem até a atualidade. Dentre essas podemos citar o desnível nos índices de qualidade de vida das populações do Norte e do Sul, ou ainda, a colonialidade do poder/saber que se expressa na construção da ideia de raça, a qual reproduz a racionalidade européia de classificação social dos povos dominados (QUIJANO, 2005), que persiste no imaginário coletivo – definições como branco, índio, negro e mulato. Em tal espectro, é sensível aos olhos a violência estrutural e epistêmica a que estão submetidos os latino-americanos, "un pueblo sin piernas, pero que camina[17]."

É importante reforçar, que a América Latina mostra-se como palco privilegiado de nossa reflexão por ser a topografia de nossa realidade. Ademais, como afirma Boaventura de Sousa Santos "O lugar de enunciação (...) são todos os lugares onde o saber é convocado a converter-se em experiência transformadora" (SANTOS 2008: 33). O conjunto de manifestações, articulações e movimentos presentes aqui, e em alguma medida sentidos pela comunidade internacional, confirmam o papel social que a região adquire perante o planeta (ROJAS 2009).

O encobrimento do outro, traço primordial da herança colonial que persiste em *Nuestra América*, é reafirmado na multiplicidade de mortos vagando em busca de voz que

[17] Trecho da música Latinoamerica, do grupo Calle 13.

observamos nas ruas, e *calles*, de nossas cidades. Estes são os subalternos emudecidos pelo saber universalizante: mulheres que trabalham nas maquiladoras no Norte do México, guerrilheiras zapatistas no sul desse mesmo país, adolescentes vítimas do tráfico sexual, cocaleiras, mães que perdem seus filhos nas FARCs, refugiadas haitianas que se espalham pelo continente, galopeiras paraguaias, brasileiras que abortam, entre muitas outras; estas que, envoltas na questão de gênero que perpassa a estruturação hierárquica de nossas sociedades latino-americanas, aguardam pela mudança que pode vir com as mulheres na presidência da Argentina, Brasil, Chile e Costa Rica e seus significados para o conjunto do continente. Mas são também homens trabalhadores, crianças e jovens; são olhos formados na coletividade que luta por seus direitos e anseios, como o movimento zapatista, a Via Campesina, o Movimento Sem-Terra; grupos múltiplos que articulam-se em torno da crítica à globalização perversa no Fórum Social Mundial; que acreditam em espaços de resistência, como Ecovilas, acampamentos, blogs e redes sociais. São, portanto, *múltiplos e diversos*, unidos pela condição de invisibilidade.

Diante de tal situação, as ciências sociais, e as RI em particular, necessitam resgatar o conhecimento autônomo e lançar um olhar mais demorado aos subalternos, dando voz aos marginalizados para que estes se descubram e se construam em sua mútua relação com seus opressores[18] (Não podemos esperar que estes, com toda sua trajetória histórica, ocupem-se de nossa independência!).

Como afirma a pesquisadora Elízaga,

> Nuestra apuesta, por ello, no puede ser más irracional que lo que nos impusieron los conquistadores: "Inventamos o erramos", bien dijo Simón Rodríguez, y con ello quiso decir que el único camino posible para nosotros es el que nos decidamos a construir entre todos a partir de nuestra propia experiencia, de nuestras propias preguntas, de nuestras necesidades y de nuestros sueños. Tenemos que ser tan radicales como nos sea posible, es decir, capaces de desentrañar, sin miedo y sin falsas suposiciones las raíces de nuestros problemas y el modo en que en cada época, con las fuerzas y capacidades de que dispongamos, podamos empeñarnos a remontarlos. Tenemos que aprender a mirarnos con otros

[18] Aqui recuperamos o argumento de Boaventura de Souza Santos (2008; 2009) que afirma que não existe colonizador sem colonizado e que as identidades forjadas a partir dessa relação não podem ser desagregadas, mas reconstruídas em bases igualitárias.

> ojos, *nuestros* ojos, para rehacer el amor a nuestra tierra, a nuestros saberes, al color y al olor de nuestra piel (2011:p. 1).

Nesse sentido, nosso desafio passa pela tentativa de desvendar o que é a América Latina, esse espaço uno e diverso, marcado pela polissemia das relações políticas, culturais, sociais e econômicas. Realizando tal empreendimento a partir de novas cartografias, é possível debruçar-se na "diversidade inesgotável e inabarcável das experiências de vida e de saber do mundo" e nas alternativas insurgidas daí (SANTOS, 2008: 20). Isso, pois somente pensando com nossas cabeças e caminhando com nossos pés estaremos evitando o epistemício que marcou nossa formação histórica e identitária.

Esse espaço múltiplo situado abaixo do Rio Bravo, na fronteira entre Estados Unidos e México, necessita ser reconhecido, e estudado, a partir dos povos que nele habitam e suas contradições. Tendo em vista o interesse cada vez mais acentuado das esferas de poder internacional – desde empresas transnacionais, organizações internacionais, grandes potências e mídia – na região, lançar luz às ausências e aos ausentes simboliza uma redescoberta dos modos de agir/ser/estar dos sujeitos, contra a reificação dos latino-americanos enquanto objetos passivos da cosmologia moderna/colonial/capitalista (MIGNOLO, 2005). Como apresenta o diretor Tony Gatlif no início de seu filme "Exílios",

> Es urgente hablar de los ausentes. Ya es tiempo de hablar de aquellos que se equivocan. Es importante interrogar los ausentes, aquellos que viven sin democracia en general. Es urgente hablar de los ausentes, de las ausencias... Es urgente hablar de la libertad... La democracia está siempre volada...[19]

Operando no campo do conhecimento, o convite à reontologização adquire materialidade quando o lugar da enunciação torna-se o espaço da práxis reflexiva e criativa[20]. Sendo o sujeito, portanto, o epicentro de toda a narrativa científica. No caso das

[19] Filme lançado em 2004, na França, dirigido por Tony Gatlif. Nome original:Exils. O enredo retrata um casal de franceses que parte para uma viagem rumo à Argélia, com o intuito de encontrar suas origens.

[20] "Se a práxis é a ação do homem sobre a matéria e criação – através dela – de uma nova realidade, podemos falar de diferentes níveis da práxis de acordo com o grau de penetração da consciência do sujeito ativo no processo prático e com o grau e criação ou humanização da matéria transformadora destacado no produto de sua atividade prática (...). Do ponto de vista da práxis humana, total, que se traduz na produção e autocriação

RI, estas seriam repensadas a partir da sua localização, e acima de tudo, humanização, cabendo ao estudioso desmascarar categorias binárias de hierarquização das diferenças e imposição de padrões de conduta (CASTRO-GÓMEZ, 2005).

Cabe ressaltar, que as ferramentas metodológicas capazes de dar voz aos subalternos e a partir daí retraçar as conexões presentes entre os distintos espaços da vida ainda não estão claras. Nesse sentido, cabe retomar Simon Rodriguez que afirma "Inventamos ou Erramos", e erramos por não se permitir debruçar-se no abismo do desconhecido. Admite-se, ainda, que o papel do estudioso nada mais é que um exercício de tradução e interpretação das vozes silenciadas, mas que nunca atingirá a perfeição em sua tarefa. O horizonte do pesquisador deve mirar com tenacidade o descentramento dos saberes e a interação das práticas (SANTOS, 2008). Aceitar tais condições já situa a ciência exercida por esse sujeito um passo a frente rumo à descolonização do conhecimento em prol de uma nova realidade.

Um exemplo notório, como afirma Quijano (2005), da perspectiva eurocêntrica de reificação da América Latina é sua divisão político-social em Estados Nacionais. Este objeto tão caro aos estudos tradicionais de RI é uma construção moderna, específica, localizada na Europa e responde historicamente a uma identidade imaginada e material, na qual o processo de democratização das sociedades foi uma condição para a nacionalização/homogeneização das mesmas, as quais organizavam-se sob instituições de poder comuns, a saber, a autoridade pública e os mecanismos de violência (QUIJANO 2005). No caso das colônias divididas pelo Tratado de Tordesilhas, os povos colonizados não possuíam uma comunidade nem imaginada, muito menos real. A nacionalização/homogeneização das sociedades – um processo em muitos países ainda inacabado e impossível de efetivar-se (QUIJANO, 2005) – deu-se como imposição de uma elite branca, identificada com o colonizador, que detinha as estruturas de poder.

Dessa forma, se nossa imagem continuar restrita a um tabuleiro geopolítico no qual movem-se entes soberanos e independentes entre si (os Estados-Nacionais), cada qual

do próprio homem, a práxis criadora é determinante, já que é justamente ela que lhe permite enfrentar novas necessidades, novas situações." (VASQUEZ 2007:p.265-267).

buscando sua segurança e sobrevivência, nosso definição de nós mesmos continuará reproduzindo o que os anglo-saxões observam no espelho. Pois, como apresentou-se na primeira sessão do artigo, as escolhas metodológicas e os recortes ontológicos realizados pelos discursos realistas e liberais – e, em alguma medida, também alguns discursos definidos como pós-positivistas – nas RI são condizentes ao local e época em que foram produzidos. Logo, a tragédia não está na produção dos mesmos, mas em nossa insistência, enquanto latino-americanos, em reproduzi-los. Com isso, perpetua-se um conhecimento abissal (SANTOS, 2007), que exclui o Outro, e, portanto, nós mesmos.

Para romper com tal monopolização epistemológica, que limita os horizontes do que definimos como RI e seus objetos de estudo, um primeiro passo é buscar uma práxis criadora e reflexiva, capaz de realizar na ação humana a matéria e a criação de uma nova realidade (VÁZQUEZ, 2007). Ao sujeito é reservada a tentativa de caminhar através do espelho, buscando em uma atividade minuciosa resgatar as conexões esfaceladas entre o pensamento e a alteridade: somos latino-americanos? Ou somos brasileiros? Somos brancos e negros? O que nos faz anglo-saxões? Quem e o que é o meu povo? Quais são os nossos problemas? E nossos sonhos? Nesse processo de ouvir-se, escutar a voz de outros agentes, a existência precede o saber. O conhecimento e o pensamento passam a ser, nesse sentido, traduções das múltiplas auto-imagens que caracterizam a vida,

> (...) En la lucha por esa América Latina liberada, (...) la voz genuina de los pueblos, voz que se abre paso desde las entrañas de sus minas de carbón y estaño, desde sus fábricas y centrales de azucareras, desde sus tierras jíbaros, herederos de Zapata y de Sandino, empuñan las armas de su libertad (...). (CHEVARA, 1960 apud ROJAS 2009: 5)

## Considerações Finais: um convite à localização das Relações Internacionais

O movimento de repensar o campo de estudos das RI teve início ainda na década de 1980, com a chamada virada sociológica. Daí emergiram narrativas preocupadas em redefinir as premissas orientadoras dessa ciência, tornando porosas fronteiras disciplinares em defesa de um saber construtivista, e em alguma medida crítico. Dentre essas vertentes,

vale destacar as teorias críticas, definidas por Cox (1986) como aquelas que buscam transformar o *status quo*, cumprindo assim um papel salutar na tentativa de desmascarar a centralização das narrativas do meio anglo-saxão. Em sentido semelhante, as vertentes feministas encerram a primazia do gênero como questão fundamental para superar as desigualdades no âmbito internacional, relativizando a cristalização dos espaços público/privado e dando início à desestruturação das dicotomias impostas pelo pensamento moderno.

Sob a denominação de teorias pós-positivistas, muitas são as abordagens que desafiam a imagem tradicional de ciência e seus objetos de estudo, reforçando a necessidade de compreender às RI para além da rivalidade entre Estados-Nação, circunscritos às demandas de guerra e paz. Nesse sentido, percebe-se que o processo de lapidação do campo de estudos já começou, no entanto, não está claro se estamos diante de um novo enredo ou apenas novas peças no tabuleiro dos debates teóricos da área. Em meio a tal processo em curso, o desafio apresentado aqui, é circunscrever esses novos olhares ao nosso local de enunciação, a América Latina e seus sujeitos, aceitando a ecologia de saberes[21].

A rapidez com que o sistema internacional se altera e a volatilidade das escoras da ordem capitalista demonstram que a realidade não é passível de uma única verdade ou interpretação. Acreditar que um outro mundo é possível, para além da percepção do futuro como um presente ampliado, é acreditar que o Tempo se aproxima, que por hora o aguardamos, ainda na Véspera. E tal crença é reforçada na percepção comum à todos que se identificam à condição de que,

> Não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda a possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas para participar de práticas com ela coerentes. (FREIRE, 2000: 17)

[21] Conceito que define s saberes a partir do diálogo, rompendo a hierarquização de verdades universais e o silenciamento de saberes populares (SANTOS, 2008).

Tal argumento pode ser estendido às narrativas acerca do Internacional, não como *mimeses* da busca por uma Paz Perpétua nos moldes kantianos, mas como um ensejo para esboçar uma etnografia mais complexa em prol das diversas utopias presentes nas práticas subalternas.

**Referências Bibliográficas**

ALKER, Hayward; BIERSTEKER, Thomas. 1984. The **Dialectics of World Order: Notes for an Archeologist of International Savoir Faire:** International Studies Quarterly, v. 28, n. 2, p.121-142.

BAVA, Silvio Caccia. 2011. **A renda do brasileiro**: Le monde diplomatique *Brasil*, Edição 53, Dezembro.

BIERSTEKER, Thomas. J. 2009. **The parochialism of hegemony: challenges for "American" International Relations:** In: TICKNER, Arlene B.; WÆVER, Ole. (Eds). International Relations Scholarship Around The World. London and New York: Routledge, p. 308-327.

BRUIT, H. 2000. A **Invenção da América Latina:** In: Anais Eletrônicos do V Encontro da ANPHLAC, Belo Horizonte.

CASTRO-GOMEZ, Santiago. 2005. Ciencias **Sociales, violencia epistémica y el problema de la "invención del otro":** In: Lander, Edgardo (org). La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales-CLACSO.

COX, Robert. 1986. **Social forces, states, and world orders: beyond international relations theory:** In: KEOHANE, R. (Org). Neorealism and its critics. New York: Columbia University Press.

COUTO, Mia. 2003. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra:** São Paulo: Companhia das Letras.

DELORS et. al. 1996. **Educação um tesouro a descobrir:** Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. São Paulo: Cortez; UNESCO.

ELIAS, Norbert. 2008. **Sociologia Do Conhecimento: Novas Perspectivas:** Sociedade e Estado, v.23, n.3, p.515-554.

ESCUDE, Carlos. 1992. **Realismo Periférico:** Buenos Aires: Planeta.

FREIRE, Paulo. 2000. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos:** São Paulo: EdUnesp.

GOLDMAN, Harvey. 1994. **From Social Theory to Sociology of Knowledge and Back: Karl Mannheim and the Sociology of Intellectual Knowledge Production:** Sociological Theory, v.12, n. 3, p. 266-278.

GUZZINI, Stephano. 1998. **Realism in International Relations and International Political Economy: the continuing Story of a Death Foretold:** New York and London: Routledge.

KOSELLECK, Reinhart.1992. **Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos:** Estudos Históricos, v. 5, n. 10, p.134-146.

MENESES, Maria Paula. 2008. **Epistemologias do Sul:** Revista Crítica de Ciências Sociais, v. 80, p. 5-10, mar.

MIGNOLO, Walter D. 2005. **The idea of Latin America:** United States: BLACKWELL PUBLISHING.

MUNDY, Karen. 1998. Educational **Multilateralism and world (dis) Order:** Comparative Education Review, v42 ,n4.

QUIJANO, Anibal. 2005 .**Colonialidad Del poder, eurocentrismo y America Latina**: In: Lander, Edgardo (org). La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales-CLACSO.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. 2009. **America Latina en la encrucijada:** los movimentos sociales y la muerte de la política moderna. Mexico: Editoral Contrahistorias.

SANTOS, Boaventura de Sousa. 2001. **Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, pós-colonialisno e inter-identidade:** IN: RAMALHO, Maria Irene; RIBEIRO, António Sousa (orgs). Entre ser e estar. Raízes, percursos e discursos da identidade. Lisboa: Afrontamento.

_____. 2007. **Para além do pensamento abissal; Das linhas globais a uma ecologia de saberes:** Novos estudos, CEBRAP 79, pp.71-94, novembro.

_____. 2002. Para **uma sociologia das ausências e das emergências:** Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, 237-280, 2002.

_____. 2008. A filosofia **à venda, a douta ignorância e a aposta de Pascal:** Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, p. 11-43, Março.

_____; Meneses, Maria Paula. 2009. **Epistemologias do Sul.**:São Paulo: Almedina.

SELIS, Lara Martim Rodrigues. **Deslimites da Razão: Um estudo sobre a teoria neorrealista de Kenneth Waltz.** 2011. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais). Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília (UNB), Brasília.

SMITH, Steve. 1996. **Positivism and beyond:** In: SMITH, S.; BOOTH, K.; ZALEWSKI, M. (Org). International Theory: Positivism and beyond. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. 2002. The **United States and the Discipline of International Relations: Hegemonic country, hegemonic discipline:** International Studies Review, v.4, n.2, p. 67-85.

ELIZAGA, Raquel Sosa. 2011. **"Pensar con cabeza propia. Educación y pensamiento crítico en América Latina":** In: Cuadernos del Pensamiento Crítico Latinoamericano Nº 48. CLACSO.

TODOROV, T. 1993. **A conquista da América: a questão do Outro:** São Paulo: Martins Fontes.

VASQUEZ, Adolfo Sanchez. 2007. **Filosofia da práxis:** Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales- CLACSO; São Paulo: Expressão Popular.

WÆVER, Ole. 1998. **The Sociology of a Not So International Discipline: American and European Developments in International Relations:** International Organization, v. 52, n. 4, p. 687-727.

WAGNER, Peter; WEISS, Carol; WITTROCK, Björn; WOLLMANN, Hellmut. (Eds). 1991. **Social Sciences and Modern States: National Experiences and Theoretical Crossroads:** Cambridge University Press.

WEBER, Max. 1987. **A ética protestante e o espírito do capitalismo:** 5ª Ed. São Paulo: Pioneira.

ZIZEK, S. 2011. **Primeiro como tragédia, depois como farsa:** São Paulo: Boitempo.